



O jongo de São Benedito e o samba do tempo antigo: uma análise das narrativas dos jongueiros da região norte do Espírito Santo

Jane Seviriano Siqueira¹
Oswaldo Martins de Oliveira²

RESUMO

O intuito deste artigo é analisar as narrativas dos *jongueiros velhos* da região norte do Estado do Espírito Santo sobre o *samba do tempo antigo*, também conhecido como *samba de São Benedito*, enquanto prática cultural carregada dos atributos da *diversão*, que se segue aos momentos de religiosidade e devoção ao *santo preto* e *dos pretos*. O material foi coletado por meio de trabalho etnográfico realizado junto aos integrantes dos grupos de jongo da região denominada Sapê do Norte, localizada ao norte do estado do Espírito Santo. Para tal foi utilizada uma abordagem baseada na história oral, cujo intuito era evidenciar as memórias narradas pelos *jongueiros velhos* no presente etnográfico. Observamos que tanto o jongo quanto o *samba do tempo antigo* são práticas culturais relacionadas à devoção a São Benedito.

Palavras-Chave: Jongo, samba do tempo antigo, samba de São Benedito, sapê do Norte.

Recebido em 04/03/2018

Aceito para publicação em 27/06/2018

DOI: <https://doi.org/10.25067/s.v22i1.19111>

Introdução

Os estudos que priorizam a interface entre memória e patrimônio têm relevância nas investigações junto a agrupamentos afro-brasileiros, o presente artigo enfoca as memórias sobre o jongo e o *samba do tempo antigo* no Sapê do

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social na UFSC. Colaboradora no Programa de Pesquisa e Extensão “Jongos e Caxambu no Espírito Santo” da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Mestre em Ciências Sociais pela UFES. E-mail para contato: janeviriano.siqueira@gmail.com.

² Professor no Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). E-mail para contato: oliveira.osvaldomartins@gmail.com.

Norte/ ES. A área denominada de Sapê do Norte se refere ao território quilombola situado na região norte do estado, que abrange municípios de São Mateus e de Conceição da Barra (OLIVEIRA, 2010). Interessa-nos analisar as memórias de *jongueiros velhos* sobre o jongo e o *samba do tempo antigo* na região do Sapê do Norte, partindo das lembranças de integrantes dos grupos de jongo de São Benedito em São Mateus e nas localidades de Angelim Porto dos Tocos e de Vila de Itaúnas, em Conceição da Barra. A análise se inspira em dados de pesquisas sobre o samba nos morros da Piedade e Fonte Grande, localizados na capital do estado (OLIVEIRA, 2009b; SIQUEIRA, 2013) e em pesquisa sobre jongos e caxambus realizada em municípios capixabas onde acontece a prática do jongo (GUIMARÃES & OLIVEIRA, 2017), por meio de tais investigações observamos relações existentes entre o jongo e o samba. Para alguns autores tais relações constituem quase uma genealogia de descendência do segundo em relação ao primeiro, pois afirmam que o jongo é um dos avós do samba (PACHECO & LARA, 2007). No que se refere à memória dos *jongueiros* do Sapê do Norte sobre a relação entre o jongo e o *samba do tempo antigo*, embora não tenhamos constatado nenhuma relação direta de descendência, verificamos que os *jongueiros velhos* são também aqueles que dançaram e/ou prestigiaram o *samba do tempo antigo*. Como resultado da análise, percebemos que tanto o jongo quanto o *samba do tempo antigo* são práticas culturais relacionadas à devoção a São Benedito.

A metodologia utilizada do presente artigo é a história oral com ênfase nas narrativas dos *jongueiros velhos* da região norte do Espírito Santo. O referencial teórico corresponde aos estudos sobre memórias e patrimônio cultural, partindo especificamente dos textos de Michael Pollak (1989; 1992) e Pierre Nora (1981), onde os autores argumentam que os elementos da memória estão relacionados à pessoas/personagens, lugares e eventos. Por isso, o texto tem também por objetivo ressaltar quais eram as pessoas e personagens que faziam jongo e *samba do tempo antigo* na região do Sapê do Norte.

Samba do tempo antigo e jongo: lugares de lembrança

O jongo e o *samba do tempo antigo* - enquanto práticas culturais que circulam entre gerações - são dinâmicos e são resultados de sínteses entre distintos processos sociais e históricos que têm seus desdobramentos articulados aos movimentos da economia e da política, o que implica em alterações nas práticas culturais herdadas. Nesses processos sociais e históricos ocorridos na região sudeste do Brasil, constatamos na memória dos *jongueiros velhos* da

região norte do estado do Espírito Santo diferentes práticas culturais de resistência dos africanos e de seus descendentes, como é o caso do *samba do tempo do antigo* e do *samba de São Benedito*.

Os *sambas do tempo antigo* e *de São Benedito*, assim como o jongo, são práticas culturais herdadas e ensinadas entre gerações de integrantes das famílias de jongueiros, negros e quilombolas desde o tempo em que regia a escravidão. De acordo com as narrativas dos *jongueiros velhos* (expressão dos próprios jongueiros para praticantes mais velhos), após os dias de trabalho intenso nas lavouras, nos embarreios das casas de pau-a-pique e na fabricação de farinha nos quitungos (casa de produção de farinhas), seus antepassados se encontravam à noite nestas casas, barracões, terreiros e matas para momentos de diversão e de espiritualidade. Estes lugares de lembranças que são narrados pelos jongueiros expõem uma íntima relação entre o local e as práticas realizadas no cotidiano de seus antepassados. Assim, estes jongueiros mantinham e mantêm vivas na memória as lembranças de costumes, crenças e tradições de suas terras e reinos de origem, como bem lembrou a senhora Edésia em relação a um *ponto de pemba* cantado no jongo de Júlio Tamanco:

*Esse jongo veio da Ilha do Dendê
Salve meu compadre Obaluaê.*

Esses momentos de encontros proporcionados pela prática do jongo que vem de uma suposta terra de origem – *a Ilha do Dendê* - e sua relação com uma divindade das religiões de matriz africana, *Obaluaê*, possibilitaram a realização de atividades interligadas entre religiosidade e diversão em diversos agrupamentos negros. Essa confluência ocorreu não apenas no Espírito Santo, como escreveu Oliveira (2005) em relação ao prolongamento das *rezas de ladainha* e *a dança do congo* na localidade de Retiro, como também em outros estados brasileiros, tomando por consideração o prolongamento das danças litúrgicas do candomblé com o samba tradicional no Rio de Janeiro – que de acordo com Sodré (1979; 1988) seria oriundo do estado da Bahia³.

³ O argumento do autor reforça que a prática do samba no Brasil é uma estratégia de resistência cultural. O samba é um discurso constantemente re-elaborado de acordo com os contextos nos quais o grupo está inserido, esta compreensão do samba enquanto discurso considera os movimentos que implicaram em alterações em sua organização/"configuração" e viabilizaram sua permanência no meio social como prática afirmativa de valores culturais de grupos autodeclarados negros.

Os jongueiros narradores da região do Sapê do Norte

Dentre as atividades mais recorrentes, a memória dos *jongueiros velhos* aponta as danças de jongo e do *samba do tempo antigo* como as duas *danças de negros* que durante o período da escravidão no país foram as mais prestigiadas por eles. As memórias que permitiram a composição das narrativas sobre o *samba do tempo do antigo* e o *samba de São Benedito* são pertencentes à Dona Edésia, do grupo de Jongo de São Benedito da cidade de São Mateus; Dona Sônia Ramalho, do grupo de Jongo de São Benedito da comunidade de Campo Grande, município de São Mateus; Dona Claudentina, da comunidade quilombola de Angelim Porto dos Tocos; e dos senhores Benedito da Conceição Filho (o *Preto Velho*) e Sílvio, ambos do grupo de Jongo São Benedito e São Sebastião da Vila de Itaúnas.

Edésia, que nasceu em 1926, lançou mão das lembranças de sua juventude para apresentar esta prática cultural, que ocorria em um tempo que corresponde aproximadamente ao início da década de 1940. Suas primeiras recordações acerca do *samba do tempo antigo* remontam às histórias que sua mãe contava sobre as *danças de negros*. Até esta época ela não havia visto como era a referida dança, apenas tinha ouvido as histórias. Já quando estava com a idade de aproximadamente 15 ou 16 anos, a senhora jongueira acompanhou a mãe a uma festa na região do Sapê do Norte, quando então pôde ver como era de fato a dança do *samba do tempo antigo*.

Constatamos assim que houve a transmissão dos saberes sobre o *samba do tempo do antigo*, não apenas por meio dos relatos de sua mãe, mas também pela observação e participação da referida narradora nos festejos dos antigos. Os saberes relacionados a tal prática foram transmitidos entre diferentes gerações por anos, o que possibilitou à Dona Edésia adquirir conhecimentos referentes a este samba. Sobre a experiência de conhecer o referido *samba*, a senhora contou da seguinte maneira:

Foi lá que eu fui vê como era o samba do tempo antigo. Mamãe falava muito do samba do tempo antigo, mais eu nunca tinha visto. Daí a festa nós fomos pra lá. Eu fui. Achei lindo. Foi lá que eu vi dança o samba do tempo antigo... (Dona Edésia. São Mateus, bairro Sernamby, dezembro de 2011. Grifo nosso).

O primeiro contato da narradora com o *samba* ocorreu em festas que

aconteciam no território quilombola do Sapê do Norte, especificamente nas localidades dos Córregos de Santana, de São Pedro e do Macuco, todos no meio rural do município de Conceição da Barra, reforçando assim a concepção de que as práticas culturais do jongo e do *samba do tempo antigo* advêm de territórios quilombolas do meio rural. Segundo a narradora, “*os negros não dançavam o samba do tempo antigo na cidade*”, pois, como sabemos, uma das especificidades mais marcantes das origens das práticas culturais negras, sobretudo no norte do Espírito Santo, é o meio rural (MACHADO, 2011; OLIVEIRA, 2012; SILVA, 2014; RODRIGUES, 2016). E com *os sambas do tempo antigo e de São Benedito* não seria diferente.

Os sambas do tempo antigo e de São Benedito: o fazer e o saber

Sobre a forma de se fazer a dança e os instrumentos musicais usados no *samba do tempo antigo*, assim como sua proximidade com o jongo, Dona Edésia rememora com apreço, afirmando que era uma dança simples.

É bacana, é simples. Ai ficam os dois, o pandeiro e a caixa. Essa caixa que tem o jongo. Bate, canta e aí as pessoas vão dançando. Entra uma pessoa dança, dança, sai fora; entra outra. É bonito, é bonito, o samba do tempo antigo. [...] É samba. Bate na caixa, uma caixa e no pandeiro. E ali as mulheres vão dançando... ali eles [os homens] vão tocando. (Dona Edésia. São Mateus, bairro Sernamby, em dezembro de 2011).

Suas memórias remontam a uma apresentação de *samba* constituída por ritmo, pela melodia cantada em versos e pela dança animada dos brincantes. Nas rodas deste *samba*, as pessoas presentes participavam de três modos, a saber, como tocador, cantante e dançante. A posição de tocador era preenchida pelos homens. Eles davam o ritmo através da execução de dois instrumentos, que eram o pandeiro e a caixa. Dona Edésia indicou que a caixa utilizada para a apresentação tinha o formato redondo - ressaltamos que nas *rodas de jongo* tal instrumento é conhecido como o *tamborê*.

Os tocadores ficavam posicionados em uma das extremidades da *roda* e eles acompanhavam as batidas do pandeiro e da caixa com versos cantados durante toda a apresentação. A forma musical deste *samba* ocorria por meio de versos, ou seja, os cantos eram executados em versos. Após os puxadores do referido *samba* cantarem um verso, os demais integrantes os seguiam no canto

e na entonação. Assim, ser cantante era uma possibilidade para todos os brincantes que estavam envolvidos com a atividade da *roda*.

O momento seguinte era reservado propriamente à prática da dança. A dança consistia no movimento que cada pessoa realizava desde sua entrada na *roda* até o momento em que saía dela. A dança era realizada principalmente pelas mulheres que entravam uma a uma dentro do movimento, “rodopiavam” e cantavam os versos puxados pelos homens. Cada mulher que se apresentava para dançar “ia rodando” até passar por todo o perímetro da *roda*, em seguida saía para que outra mulher pudesse entrar e seguir no “rodopio”.

Apesar de ser executada majoritariamente pelas mulheres, a dança realizada nas *rodas de samba do tempo do antigo* também podia ser apresentada por homens. Dona Edésia contou que os homens que entravam para dançar seguiam as mesmas etapas de apresentação. Cada homem se movia por toda a extensão da *roda* cantando os versos puxados pelos tocadores e, ao final da apresentação, saía para que uma mulher pudesse dançar.

Nos dias atuais, existem cantos que pertencem ao repertório musical de apresentações do jongo cuja origem remete aos versos das *rodas de samba do tempo antigo*. Por exemplo, tal como narrou Dona Edésia, nas ocasiões em que as mulheres demoram a entrar na *roda de jongo*, é comum os puxadores cantarem um verso que é oriundo das *rodas de samba do tempo antigo*. Em dezembro de 2011, a narradora cantarolou:

Cadê a mulher do jongo?

Tamborê tá ti chamando

Cadê a mulher do jongo?

Tamborê tá ti chamando.

O verso acima, além de resistir na memória dos brincantes e ser cantado no presente etnográfico por diversos agrupamentos de jongueiros, expressa a maneira como eles construía e atribuía sentido aos instrumentos musicais. Os instrumentos musicais eram utilizados nas *rodas* por diversas gerações. Criou-se uma relação de proximidade com estes objetos, que são bens culturais, de maneira que eles passaram a ocupar a posição de próprios brincantes que podem, assim, interagir diretamente na dança. No caso da ilustração apontada por Dona Edésia, as mulheres respondem prontamente ao chamado do *tamborê* entrando na *roda* e dançando o jongo.

O saber relacionado à prática do *samba do tempo antigo* está associado à figura das mulheres do Sapê do Norte. A respeito da apropriação cultural da dança do mencionado *samba*, Dona Edésia aponta as mulheres desta região como suas realizadoras. A narradora exalta as habilidades da dança, do envolvimento e da resistência destas mulheres quilombolas na sua execução. Recorrendo às memórias desta senhora:

A mulher do Sapê do Norte era bamba! [...] Aquelas mulheres não saíam [da roda de samba], não, viu? [...] Aquelas bichas [mulheres] eram danadas. (Dona Edésia. São Mateus, bairro Sernamby, dezembro de 2011. Grifo nosso).

As mulheres do Sapê do Norte foram descritas como “bambas” por serem consideradas as mais hábeis na dança e no fazer da *roda*, de tal modo que Dona Edésia as indicou como detentoras dos saberes a respeito do *samba do tempo antigo*.

Cabe lembrar que “bamba” na cultura quilombola do Sapê do Norte, como escreveu Oliveira (2009a), no auto dramático das festas de São Benedito, conhecido como ticumbi, que é realizado todos os anos pelos congos quilombolas do município de Conceição da Barra no norte do Espírito Santo, se refere a um reino africano, onde o Rei de Bamba disputa em uma guerra com o Rei de Congo – convertido ao catolicismo português no período do comércio escravocrata entre comerciantes portugueses e africanos – o direito de fazer a festa para São Benedito. Os congos e seu rei, que no drama social representa os quilombolas, sempre vencem a guerra, enquanto os bambas representam os inimigos dos quilombolas que expropriam suas terras e seu patrimônio cultural, isto é, seus territórios. A festa religiosa para São Benedito realizada todos os anos por três dias (30 de dezembro a 01 de janeiro) pelos congos-quilombolas se prolonga nos momentos de intervalos e no último dia por pequenas rodas de samba animadas aos ritmos dos pandeiros de congos e bambas e dos tambores dos jongueiros.

Deslocamentos dos devotos: dimensão religiosa e de comemoração presentes no jongo e no samba do tempo antigo

O aspecto devocional que precede ao *samba do tempo antigo* também é explícito na narrativa de Dona Edésia, sobretudo ao falar das festas organizadas

por Miúdo Pôpôpô (Ernane Feliciano dos Santos) em diferentes localidades do Sapê do Norte. Não é por acaso, mas sim pelo fenômeno da “herança cultural”, que Rosa dos Santos e sua família, filha e netas (os) de Miúdo, ainda hoje continuam sendo festeiras no *ticumbi* de São Benedito que, como mencionamos acima, ocorre anualmente em Conceição da Barra. Miúdo era devoto de São Bartolomeu, padroeiro dos jongueiros do bairro de Santana⁴, e nos encontros que organizava para cumprir as promessas feitas ao santo, aconteciam primeiramente rezas de ladainha e, em seguida, a comemoração com as danças de jongo e do *samba do tempo antigo*. Sobre as festas de Miúdo Pôpôpô, Dona Edésia rememora:

O Miúdo fez uma festa lá. Era uma promessa. A promessa era. Ele era devoto de São Bartolomeu e ele fez o Jongo e o Samba lá no Sapê do Norte onde ele morava. [...] Matou boi. Ele matou boi. Matou.” [...] Foi a promessa feita à Bartolomeu. Foi muita gente. Foi uma brancaria aqui da cidade, só vendo, lá pra casa dele, pra festa dessa. (Dona Edésia. São Mateus, bairro Sernamby, dezembro de 2011. Grifo nosso).

Estas celebrações organizadas por Miúdo tinham a presença de muitas pessoas que viviam em outras localidades da região norte do estado, movidas pela devoção, elas se movimentavam até os locais das celebrações festivas. Ao narrar sobre estes momentos de encontros, Dona Edésia utiliza a expressão “brancaria” para se referir às pessoas de cor de pele clara que também participavam das festas organizadas por Miúdo Pôpôpô.

A outra narrativa a respeito do *samba antigo*, cujo conteúdo dos relatos apresentamos de forma sucinta, vem da senhora Sônia Ramalho, do grupo de Jongo de São Benedito da comunidade de Campo Grande, já citada acima. No passado, segundo a narradora, ao finalizarem uma *roda de jongo*, os integrantes do grupo cantavam e dançavam uma prática cultural denominada *batuquinha*, diminutivo local de *batucada*, *batuca* ou *batuque*, que, segundo ela, era o próprio jongo. A entrevistada apresenta um verso como exemplo do que era a *batuquinha* que os antigos jongueiros cantavam:

Ai morena! Vai lá em casa passear,

⁴ Bairro periférico da sede de Conceição da Barra. No presente existem dois grupos de jongo neste bairro: Jongo de São Bartolomeu e Jongo de Santa Ana. Ambos os grupos tem devoção a São Bartolomeu e se dedicam também à religiosidade manifesta para São Benedito – tal como os demais grupos de jongo do norte do estado.

Vai morena, vai lá em casa passear.

Esse samba é batuca morena

Oi, vamos sambar.

Esse samba é batuca morena

Oi, vamos sambar.

Dizem que os jongueiros solteiros da comunidade de Campo Grande, ao saírem passeando com São Benedito, passando de casa em casa, ao final dessas *rodas de jongo*, apresentavam uma *batuca* ou *batuquinha*, que aqui é sinônimo de samba, convidando as filhas do dono da casa para um passeio, de preferência nas casas deles.

O verso acima é cantado também pelo grupo de Jongo de São Benedito das Piabas, da comunidade de Barreiras, onde ocorrem algumas variações na letra e nos termos empregados na cantiga. Em vez de *batuca*, se canta *batuque* e acrescentam o seguinte trecho: “Casa comigo ô morena, num faz sua mãe e seu pai chorar. Vai morena, ô morena casa comigo. Eu moro numa casinha, ô morena, vamos para lá”.

O *samba do tempo antigo*, também conhecido como *samba de São Benedito*, segundo nossa terceira narradora, a senhora Claudentina, está associado aos deslocamentos dos devotos de São Benedito que transitavam entre o sul da Bahia e o norte do Espírito Santo solicitando auxílio para a realização das festas para o mesmo santo. Esses devotos eram conhecidos como *povo da caixa de São Benedito*. As pessoas que os recebiam eram os festeiros, pois patrocinavam as festas realizadas à noite em sua casa e ao mesmo tempo a festa futura de São Benedito que ocorreria na comunidade do *povo da caixa de São Benedito*. A senhora Claudentina explica que:

Antigamente tinha um povo que vinha de Viçosa (Bahia), que trazia a imagem de São Benedito. Vinha pedir esmola pra fazer a festa de São Benedito. Durante muitos anos Humberto [irmão da entrevistada] foi festeiro. Ele dava a dormida e alimentação pra esse povo. Quando o samba de São Benedito vinha, ele matava um porco que era engordado de um ano para o outro. Primeiro eles rezavam a ladainha e depois tinha apresentação do Samba de São Benedito. No outro dia de manhã, eles comiam uma farofa e seguiam para Santana e Conceição da Barra. Depois que Humberto ficou viúvo, ele nunca mais foi festeiro. Aí eu fiquei sendo festeira por mais uns anos e o pessoal do samba parou de passar (Dona Claudentina. Angelim Porto dos Tocos, 21 de abril de 2008.).

Em sentido contrário ao *povo da caixa de São Benedito*, que vinha da Bahia, estavam os jongueiros de Itaúnas, entre eles Manoel Vitor e Sílvio, que circulavam no norte do Espírito Santo e no sul da Bahia solicitando auxílio para a festa do mesmo santo.

O senhor Sílvio afirma em entrevista concedida aos integrantes do Programa de Extensão “Jongos e Caxambus no Espírito Santo”⁵, em 2012, que ele e Manoel Vitor andavam por Cruzelândia e Mucuri (sul da Bahia), assim como por Pedro Canário e Conceição da Barra (norte do Espírito Santo) “esmolando” a fim de reunir recursos para a realização da festa de São Benedito em Itaúnas. Em cada casa que pernoitavam, era realizada uma *roda de jongo* e entre os instrumentos usados estava a denominada *caixa de São Benedito*. Na alimentação oferecida pelos festeiros a esses jongueiros e devotos itinerantes estava a carne de porco e os derivados da mandioca (farofa, beiju e caldo de tapioca).

De acordo com os jongueiros da Vila de Itaúnas a devoção a São Benedito é atribuída à ancestralidade africana. As memórias do senhor Benedito Conceição Filho, conhecido pelo nome de Preto Velho, mestre do grupo de Jongo São Benedito e São Sebastião, de Itaúnas, evocam a devoção e os festejos realizados para São Benedito desde o *tempo do cativo*.

Benedito Conceição Filho nasceu em 1961 e em sua genealogia de devoção está inscrita a circularidade do nome do santo protetor dos negros, visto que seu pai também era devoto e se chamava Benedito Conceição. Este senhor rememora a habilidade do pai na criação dos versos oferecidos a São Benedito e relembra que foi ao acompanhá-lo nos preparativos da festa dedicada ao santo pelo Sapê do Norte que desenvolveu sua religiosidade. Seu Benedito Conceição (pai) foi iniciado nos conhecimentos referentes ao padroeiro com Bernardo Pavão, “festeiro antigo” que tirava versos com proeza no Ticumbi do Bongado,

⁵ Conforme Guimarães e Oliveira (2014), o referido Programa aconteceu durante o ano de 2012 (PROEXT/UFES - 2011/2012) coordenado pelo antropólogo Osvaldo Martins de Oliveira. Em continuidade às atividades, em 2013 ocorreu o Programa de Extensão “Jongos e Caxambus: culturas afro-brasileiras no Espírito Santo” (PROEXT/UFES - 2012/2013), também coordenado por Oliveira. Em 2016, a nova edição das atividades foi desenvolvida como Programa de Extensão “Jongos e Caxambus: Memória de Mestres e Patrimônio Cultural Afro-brasileiro no Espírito Santo”, sob a coordenação de Aissa Afonso Guimarães. A referência ao Programa é feita pelo nome de “Jongos e Caxambus no Espírito Santo”.

coordenado por Pedro Bongado⁶. Bernardo Pavão junto com Seu Liberato, outro devoto do santo, são recordados como brincantes que possuíam memórias e agilidade na elaboração dos versos dedicados a São Benedito.

As memórias de Seu Benedito Conceição Filho evocam a religiosidade e os festejos realizados para São Benedito desde o “tempo do cativo”. Segundo o mestre, os “escravos eram amarrados”, mas tinham livres os dias de São Benedito para fazerem a “festa do santo”. Para realização dos festejos, seus antepassados “iam no mato, tiravam o tambor, courou⁷, então, os homens dançavam ticumbi e as mulheres o jongo”. Os jongueiros da Vila explicam que São Benedito é o santo protetor dos negros, pois ele se apiedou do sofrimento dos seus antepassados que viviam no cativo. Os antepassados eram negros africanos, por isso, o mestre fala que São Benedito é o protetor dos “áfricos” e que os jongs também são “áfricos”, em referência a ancestralidade africana. O mestre jongueiro diz que,

[...] no dia do santo do São Benedito, os negros tinham a liberdade deles, eles pulavam, eles dançavam, porque eles tinham a liberdade deles entendeu. Eles tinham a liberdade deles. Por isto que São Benedito, não é questão dos outros, São Benedito ele é assim um santo muito, ele é um santo muito voltado para a origem África. (Benedito Conceição Filho, conhecido Preto Velho. Vila de Itaúnas, 19 de maio de 2012. Grifo nosso).

Segundo o senhor Benedito Conceição Filho, os “escravos eram amarrados”, mas tinham livres os dias de São Benedito, nestes dias realizavam comemorações ao santo acompanhadas com *rodas* de jongo e de *samba do tempo antigo*.

Considerações finais

As memórias produzidas pelos *jongueiros velhos* do norte do Espírito Santo permitiram-nos retomar fragmentos de suas lembranças que foram

⁶ O nome Bongado indica um local onde seria ocorrido o surgimento das manifestações culturais do ticumbi e do jongo, de acordo com os jongueiros de Itaúnas. Notamos que o nome Bongado serve de referência/sobrenome para manifestações culturais e pessoas, por exemplo, Ticumbi do Bongado, Pedro Bongado.

⁷ Referência ao processo de fabricação do instrumento utilizado na formação das rodas de jongo – o tambor. Tambor é um tipo de madeira utilizada na confecção do instrumento que possui o mesmo nome. Courar é a ação de colocar o couro de animal na madeira de modo a fabricar o tambor.

herdados de seus antepassados que viveram durante o período da escravidão naquela região e até meados do século XX. Narraram sobre encontros que seguiam uma arquitetura organizada primeiramente a partir da manifestação da devoção ao *santo preto*- São Benedito - e, em seguida, a realização das brincadeiras. Tais brincadeiras são descritas no presente etnográfico como sendo *rodas de jongo e de samba do tempo antigo*.

Ao recorrer às memórias destes jongueiros, depreendemos que coexistiam distintas danças na constituição das *rodas* e que em todas elas a religiosidade também estava presente. Os sentidos religiosos apareciam nos cantos puxados nas formas dos *pontos de jongo* e dos versos do samba, acompanhados pelos instrumentos musicais e pela própria dança de seus integrantes. Tanto os cantos quanto as danças exaltavam as qualidades e os feitos do *santo preto*, ambos também registravam os modos de viver compartilhados pelos antepassados de nossos narradores. Assim, os ritmos praticados estavam imbuídos de valores vivenciados coletivamente que foram transmitidos ao longo dos anos por meio da memória dos grupos de negros do norte do Espírito Santo até o momento presente.

Referências

CLAUDENTINA (senhora Claudentina). **Entrevista** com Osvaldo Martins de Oliveira, Angelim Porto dos Tocos, Conceição da Barra, 2008, um arquivo mp3, s/dur..

FILHO, Benedito Conceição (Preto Velho) & Sílvio (Seu Silvio). **Entrevista** com a equipe do Programa Jongos e Caxambus, Vila de Itaúnas, Conceição da Barra, 2012, um arquivo mp3, 184min..

GUIMARÃES, Aissa Afonso e OLIVEIRA, Osvaldo Martins de. "Jongueiros e Caxambuzeiros no Espírito Santo: pesquisa, extensão e políticas de salvaguarda do patrimônio cultural". In: **Anais Seminário Internacional de Políticas Culturais**, Setor de Políticas Culturais, Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, 7-9 de maio, 2014.

GUIMARÃES, Aissa Afonso e OLIVEIRA, Osvaldo Martins de (Orgs.). "Jongos e Caxambus: culturas afro-brasileiras no Espírito Santo". 1ª. ed. Vitória: EdUFES, v. 1, 2017.

MACHADO, Vitor Hugo Simon. **O ciclo de festas para São Benedito das Piabas**. Dissertação de mestrado. 2011, 97f. Dissertação de mestrado. Centro de Ciências Humanas e Naturais, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

NASCIMENTO, Edésia (dona Edésia). **Entrevista** com Osvaldo Martins de Oliveira, bairro Sernamby, São Mateus, 2011, um arquivo mp3, s/dur..

NORA, Pierre. “Entre memória e história: a problemática dos lugares”. In **Projeto História** – Revista do Programa de Estudos de Pós-Graduação em História e do Departamento de História da PUC. São Paulo, SP – Brasil, 1981, p. 7-28.

OLIVEIRA, Osvaldo Martins de. **O projeto político do território negro de Retiro e as lutas pela titulação da terra**. 2005. 410f. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

_____. (Org.). **Culturas quilombolas do Sapê do Norte: farinha, beiju, reis e bailes dos congos**. Vitória, ES: [Santo Antônio], 2009a.

_____. (Org.). **História, Memória e Cultura nos Morros da Piedade e Fonte Grande/ES**. Instituto Elimu Professor Cleber Maciel e SECULT. Vitória/ES, 2009b.

_____. **Jongos e Caxambus: Culturas afro-brasileiras no Espírito Santo**. Projeto de Extensão PROEXT/MEC (SIGProj nº:113815.480.57123.05042012), Vitória: PROEX/UFES, 2012.

_____. “Quilombos: memória social e metáforas dos conflitos comunidades do Sapê do Norte, Espírito Santo”. In ALMENIDA, Alfredo Wagner Berno de (Orgs)... [et al]. **Cadernos de debates Nova Cartografia Social: territórios quilombolas e conflitos**. Manaus: Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia, UEA Edições, 2010.

PACHECO, Gustavo; LARA, Silvia Hunold (Orgs.). **Memória do Jongo: as gravações históricas de Stanley J. Stein**. Vassouras, 1949. Rio de Janeiro: Folha Seca; Campinas, SP: Cecult, 2007.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 2, nº. 3, 1989, p. 3-15.

_____. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 5, nº. 10, 1992, p. 200-212.

RAMALHO, Sônia (dona Sônia). **Entrevista com Osvaldo Martins de Oliveira**, Campo Grande, São Mateus, s/d., um arquivo tipo mp3, s/dur..

RODRIGUES, Luiz Henrique. **Quilombolas e jongueiros: uma etnografia nas comunidades de Linharinho e Porto Grande, Conceição da Barra (ES)**. 2016, 229f. Dissertação de mestrado. Centro de Ciências Humanas e Naturais, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

SIQUEIRA, Jane Seviriano. **Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos da Piedade: identidade, memória e cultura entre jovens**. 2013, 85f. Monografia de conclusão de curso, Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

SILVA, Sandro José da. “Apresentar e representar: os Jongos e Caxambus capixabas”. Série **Patrimônio Cultural e Extensão Universitária**, v. 02, 2014. SODRÉ, Muniz. **Samba: o dono do corpo**. Rio de Janeiro, RJ: Coderici. Coleção Alternativa; v.1, 1ª edição 1979.

_____. **O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Ltda, 1988.

**São Benedito’s jongo and samba of old time:
an analysis of Espírito Santo (state) northern region jongueiros’
narratives**

ABSTRACT

The purpose of this paper is to analyze the narratives of old *jongueiros* the northern region of Espírito Santo (state) on the *samba old time*, also known as *samba São Benedito* (saint), as a cultural practice load of fun attributes, following the moments of piety and devotion to the holy black and for peoples black. The material was collected through ethnographic work carried out among members of *Jongo* groups called the *Sapê do Norte* region, located north of the state of Espírito Santo. For this we used an approach based on oral history, whose aim was to highlight the memories narrated by old *jongueiros* the ethnographic present. We note that both *jongo* as *samba old time* are cultural practices related to devotion to São Benedito (saint).

Keywords: *Jongo*, *samba old time*, *samba’s São Benedito*, *Sapê do Norte* (region).